

RETÓRICA E MEMÓRIA NA ROMA ANTIGA¹

1. O autor agradece Marlene Lessa Vergílio Borges e Marcelo Vieira Fernandes pela leitura atenta do trabalho.

2. Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas (DLCV), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP). Email: adrscatolin@gmail.com

*Adriano Scatolin*²

RESUMO:

O artigo apresenta o tratamento teórico da memória no sistema retórico antigo, exemplificando-o com relatos anedóticos tomados a Cícero e Quintiliano. Depois de breve introdução (I), expõe-se a importância da memória para os romanos, de maneira geral, e para os oradores em específico (II); as metáforas aplicadas à memória pelos antigos (III); as figuras históricas notórias, na Antiguidade, por sua memória prodigiosa (IV); a diferença entre memória natural e memória artificial (V); o sistema mnemotécnico dos lugares e imagens (VI); os exemplos de bom e mau uso da memória pelos oradores (VII); e uma breve conclusão (VIII).

PALAVRAS-CHAVE:

Memória; retórica; mnemotécnica antiga; Cícero; Quintiliano.

ABSTRACT:

This paper presents the theoretical treatment of memory in the ancient rhetorical system. It then exemplifies it through anecdotal reports from Cicero and Quintilian. After a brief introduction (I), this paper expounds the importance of memory for Romans in general and, more specifically, for orators (II); the metaphors the ancients applied to memory (III); historical figures from Antiquity notorious for their prodigious memory (IV); the difference between natural memory and artificial memory (V); the mnemonic system of places and images (VI); examples of use and misuse of memory by orators (VII); and a brief conclusion (VIII).

KEYWORDS:

Memory; rhetoric; ancient mnemonic system; Cicero; Quintilian.

I.

A memória, entre os oradores antigos, tinha importância fundamental para o sucesso ou fracasso de um discurso. No contexto latino do fim da República romana, quer o orador discursasse no Senado, perante seus colegas senadores, quer o fizesse na assembleia popular, perante o corpo de cidadãos romanos lotando o fórum, ou ainda no tribunal, perante o júri e uma multidão de curiosos, a memória era a garantia da efetividade de seu discurso, uma vez que não existiam ainda, desnecessário dizer, os recursos modernos que asseguram o bom termo dos proferimentos até do mais desmemoriado ou, por vezes, mais despreparado, dos oradores — refiro-me, claro está, ao ponto eletrônico e ao teleprompter.

Apesar de tal importância, a codificação e sistematização da memória no âmbito da doutrina retórica aconteceu de maneira relativamente tardia. De fato, dos textos que chegaram até nós, o primeiro tratamento teórico antigo conferido ao tema encontra-se na chamada *Retórica a Herênio* (3.28-40), cujo autor e data não conhecemos com certeza, embora haja relativo consenso em torno de sua datação em meados da década de 80 a.C. — século I a.C., portanto, quando a tradição da teoria retórica já contava cerca de 4 séculos. Também não se sabe ao certo quando, e por atuação de qual ou quais pensadores — filósofos e/ou rétores —, a mnemotécnica foi sistematizada e incorporada à doutrina retórica, embora seja praticamente certo que isso tenha ocorrido em época helenística³.

Como quer que seja, tal sistematização, que ganharia raízes, vingaria e seria retomada ao longo de séculos e séculos de tradição⁴, apresenta a memória como uma das cinco partes da retórica ou, complementarmente, como um dos cinco requisitos do orador, ao lado de invenção, disposição, elocução e atuação⁵. Minha ideia, neste artigo, é apresentar, de maneira concisa e pontual, dois aspectos da memória retórica: de um lado, a teoria, representada por reflexões na *Retórica a Herênio*, em

3. Cf. KENNEDY (1972, p. 123-124); PERNOT (2000, p. 93); PENNY SMALL (2007, p. 195-196); HEATH (2009, p. 64).

4. Cf. YATES (2007).

5. Cf. STEEL (2009, p. 86).

Cícero, Quintiliano e, dentre os gregos, Longino; de outro, a memória na prática, no uso que dela faziam os oradores latinos.

O que levanta uma óbvia questão metodológica: como falar da memória na prática oratória, se não dispomos de gravações dos discursos proferidos pelos oradores romanos? Evidentemente, nossa abordagem só pode ser, na melhor das hipóteses, aproximativa e indireta: para abordar o uso da memória pelos oradores da Roma republicana, temos de nos fiar sobretudo nos testemunhos de Cícero e Quintiliano, que por vezes apresentam, para nossos critérios modernos, caráter mais anedótico do que histórico e, no caso do segundo, uma distância de pelo menos 150 anos de nosso objeto de estudo. Ainda assim, verdadeiros ou apenas verossímeis, tais testemunhos dão conta das expectativas do público contemporâneo acerca da apresentação dos oradores e do proferimento de seus discursos.

Dessa maneira, meu percurso, neste artigo, será o seguinte: tratarei, em primeiro lugar, da importância da memória para o orador na Roma republicana do século I a.C.; em seguida, abordarei o sistema dos lugares e imagens que constitui a mnemotécnica e sua origem mítica ou semi-mítica; em terceiro lugar, por fim, buscarei na obra retórica de Cícero, e particularmente no *Bruto*, história da oratória e dos oradores da era republicana escrita perto do fim da vida do autor (46 a.C.), comentários sobre a memória e sobre seu bom ou mau uso por parte de certos oradores.

II.

Em que sentido a memória é tão importante para os antigos? Em primeiro lugar, de maneira mais geral, há a questão da escrita e de seu suporte material⁶. Deixando de lado as tabuinhas de cera, que eram usadas para escritos contábeis, por exemplo, para documentos, mensagens curtas e urgentes e outras situações do tipo, lembremos que os livros eram escritos em rolos de papiro: para lê-los, os antigos precisavam desenrolar os livros, aumentando o rolo do lado esquerdo e diminuindo-o do lado direito. Esse modo de leitura tinha muitos inconvenientes, se comparado ao códice, formato que superaria o papiro apenas ao fim do século IV de nossa era. Um desses inconvenientes era justamente encontrar uma

6. Seguimos, aqui, as pertinentes observações de Calboli (1993, p. 269, n. 48), que remete, por sua vez, a KROLL (1939, p. 1037).

passagem específica de um texto: não havia como “folhear” um rolo de papiro: era preciso desenrolá-lo novamente, passo a passo, até chegar à passagem desejada. Os livros também não contavam com índices temáticos ou onomásticos, o que só aumentava o problema. Ora, é evidente que muito mais prático, e sem dúvida mais usual, era confiar o texto à memória. Esse é um dos motivos de as citações de terceiros, nos textos antigos, apresentarem muitas vezes diferenças, maiores ou menores, em relação aos textos que chegaram até nós. Além disso, havia a maneira como os gramáticos ensinavam às crianças os preceitos e as regras da língua, pautada fortemente na memorização de tais regras e mesmo dos textos poéticos, já que o *grammaticus* não era apenas um professor de gramática, como se sabe, mas um professor de primeiras letras e literatura em geral. Já desde pequena, a criança era incentivada a confiar na memória para assimilar o conteúdo apresentado por seus primeiros professores. Horácio, por exemplo, faz menção, nas *Sátiras* (1.10.75) e nas *Epístolas* (2.1.60), ao aprendizado de cor dos poemas nas escolas: os professores ditavam aos alunos, que escreviam os poemas em suas tabuinhas, para depois memorizá-los.

Se pensarmos, ademais, na outra extremidade do espectro, ou seja, nos adultos da elite intelectual que escreviam e liam os textos literários, a memória também era essencial tanto para a composição como para a fruição das obras. De fato, uma das características mais importantes da literatura latina, moldada pelos padrões alexandrinos, era a intertextualidade. Esta consistia na escrita dos textos levando-se em conta os antecedentes do gênero, que se procurava imitar e, principalmente, emular. Assim, de um lado, era fundamental que os autores, ao compor suas obras, tivessem os textos imitados bem “frescos” na memória; de outro, para a melhor fruição das referências, era fundamental que também os leitores tivessem os textos todos na mente — caso contrário, o caráter alusivo e emulatório das obras literárias seria perdido. Vergílio é o exemplo por excelência: para lê-lo, é preciso ter em mente (ou guardar na mente, talvez!) não apenas os dois grandes poemas homéricos, a *Iliada* e a *Odisseia*, que, *grosso modo*, o poeta teria imitado na segunda e na primeira metade, respectivamente, de sua *Eneida*, mas também as *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes, os poemas de Catulo, os escritos dos elegíacos, os trágicos, os arcaicos latinos

— em suma, praticamente toda a tradição poética anterior a Vergílio!⁷ Também é desnecessário dizer que os antigos não contavam com notas de rodapé explicativas, que os guiassem pelos meandros das citações, alusões, referências, rearranjos, transformações, correções etc.

De maneira mais específica, havia vários e bons motivos para que um orador cultivasse a sua memória. No prefácio ao livro I do *Diálogo do orador* (1.18), Cícero afirma que a memória é guardiã de tudo o que o orador pensou e refletiu sobre os temas e palavras que usará, e que, sem ela, por mais ilustre que sejam os demais aspectos de sua oratória, tudo mais cairá por terra — ou, para usar a terminologia mais contundente do autor, tudo mais morrerá (*omnia peritura*). No livro II do mesmo diálogo (2.355), o personagem Antônio fala dos frutos, da utilidade, do poder da memória: ela permite ao orador reter tudo aquilo que descobriu e aprendeu ao aceitar uma causa e estudá-la com seu cliente, bem como tudo aquilo que refletiu sobre essas informações e dados iniciais; ela também permite ao orador fixar na mente todos os pensamentos que utilizará em seu discurso e todo o aparato formal que aplicará a tais pensamentos; ela permite ainda ao orador inscrever, gravar na mente tudo aquilo que ouvir, seja de um jurisconsulto, na preparação da causa, seja do adversário, a que terá de responder no calor da batalha processual. Antônio observa ainda que apenas o orador que tem boa memória sabe o quanto ainda tem de discursar e de que maneira o fará, apenas ele sabe o que já respondeu ao adversário e o quanto ainda falta responder; apenas ele é capaz de se lembrar das muitas causas em que já atuou e das causas que ouviu outros defenderem — o que é útil, claro, pela facilidade, fluência, proficiência, diríamos nós, ganha pelo orador com a retenção na memória de tais causas precedentes.

Quintiliano, por sua vez, no livro III de sua *Formação do orador* (3.3.2), afirma que apenas a memória permite ao orador dizer tudo o que a causa exige, e fazê-lo em cada momento específico do discurso. Ainda no livro III (3.3.10), o rétor liga a memória intimamente às demais partes da retórica, invenção, disposição e elocução: assim, a memória permite ao orador guardar na mente e reter os argumentos descobertos ou inventados, bem como a maneira de dispor tais argumentos ao longo do discurso e as palavras e a forma que usará

7. Para a questão da intertextualidade em Vergílio, leia-se a contribuição fundamental de VASCONCELLOS (1997).

para empregá-los. No capítulo 2 do livro XI, que constitui o tratamento de Quintiliano sobre a memória, o rétor é mais específico ao tratar de sua importância (11.2.2): é a memória que permitirá ao orador lembrar-se com riqueza de detalhes, numa causa judicial, dos precedentes, das leis, dos pareceres dos jurisconsultos, bem como de tudo o que se disse ou fez relacionado ao caso em questão — fatores que, afirma, devem estar sempre à disposição do orador, prontos para o uso. Ainda no mesmo capítulo, Quintiliano observa com agudeza que é preciso lembrar o que o adversário disse, e refutá-lo não na ordem em que este apresentou seus argumentos, mas na ordem mais oportuna para quem está discursando — ou seja, trata-se de uma tarefa muito mais difícil do que simplesmente lembrar o que o adversário disse, porque não basta apenas recordá-lo, é preciso retê-lo tão bem que se possa com facilidade decompor as suas partes e rearranjá-las dentro do próprio discurso, que já tem, por sua vez, uma ordem pré-estabelecida e que será preciso adaptar no calor do momento.

III.

A tradição retórica consolida algumas metáforas sobre o uso da memória retórica que parecem remontar à época helenística. A principal delas é a comparação da memória com a escrita, que encontramos na *Retórica a Herênio*, em Cícero, Quintiliano⁸ e autores posteriores. A metáfora baseia-se no modo de escrita em papiro ou, mais comumente, sobre as já mencionadas tabuinhas com cera (estas, divididas geralmente em duas “folhas”, por assim dizer, eram recobertas com cera, sobre as quais se escrevia com um estilete de metal, o *stilus*). Segundo a metáfora, citando e ao mesmo tempo glosando a *Retórica a Herênio* (3.30), “os lugares [mentais escolhidos pelo orador] assemelham-se muito a tabuinhas de cera ou rolos de papiro; as imagens [mentais escolhidas pelo orador para colocar nos lugares pré-estabelecidos], [assemelham-se] a letras; a disposição e colocação das imagens [assemelha-se] à escrita; o proferimento [do discurso], [assemelha-se] à leitura⁹”.

Outra metáfora importante é a da memória como *thesaurus* daquilo que se precisa lembrar¹⁰. A palavra é por vezes traduzida, de maneira apressada, por “tesouro”. Embora essa seja uma tradução possível e o sentido de riqueza esteja cer-

8. *Rhet. Her.* 3.30; Cic. *de Orat.* 2.354; 359 (referência ao uso da imagem por Cármadas e Metrodoro, filósofos helenísticos; cf. seção IV); Quint. 11.2.21.

9. Tradução de Faria & Seabra 2005, ligeiramente modificada.

10. *Rhet. Her.* 3.28; Cic. *de Orat.* 1.18; Quint. 11.2.1.

tamente presente nas ocorrências do termo, o sentido mais próprio aqui, a meu ver, e que explica melhor o seu emprego, é o de “repositório”. Assim, a memória, metaforicamente, é o lugar onde se guardam todos os elementos necessários para o sucesso do orador. Aplicando o sentido de “tesouro”, que é secundário, penso, mas presente, poderíamos dizer que a memória é o lugar onde se guardam as riquezas necessárias para o sucesso do orador. E “riqueza”, por sinal, não é uma ideia estranha à tradição retórica, já que *copia rerum et verborum*, ou seja, a abundância ou riqueza de temas e palavras utilizáveis pelo bom orador, é um dos frutos da boa memória quando bem treinada.

Uma terceira metáfora importante, complementar à do *thesaurus*, é a da memória como *custos*, ou seja, como guardião dos elementos guardados no repositório do orador e de todas as partes da retórica¹¹.

Em seu *Do melhor tipo de orador*, Cícero faz uso de uma quarta metáfora, unindo desta vez a memória e a atuação: a primeira é como que a fundação dos edifícios; a segunda, sua luz ou luminosidade¹².

Uma quinta metáfora aparece apenas em um dos autores da tradição, pelo menos de que tenhamos conhecimento. Trata-se de um autor grego da época imperial, Longino (século III d.C.), que usa a imagem das rodas de uma carroça para falar da memória e, mais especificamente, da necessidade de passar e repassar na mente o que se tem de lembrar, para garantir a sua solidez e permanência na memória. Segundo a imagem, a memória que não se treina e adentra pela revisão se perde como a roda da carroça que passa apenas uma vez por uma estrada — o sulco não é profundo o bastante para permanecer, sendo logo apagado. Já a memória que é condicionada pela repetição e rememoração, é como a roda que passa várias vezes por uma estrada, produzindo um sulco profundo e praticamente indelével¹³.

11. *Rhet. Her.* 3.28; *Cic. de Orat.* 1.18; 2.7 (Cícero, no prólogo do livro II, usa o verbo *custodire*, “guardar”, “preservar”, para se referir a sua própria obra e à maneira como esta assegurará a recordação dos protagonistas do diálogo, Crasso e Antônio, por parte dos pósteros); *Part.* 3.

12. *Cic. Opt. Gen.* 5.

13. Longino (227.98-104). In: PATILLON (2002, p.201).

IV.

A tradição retórica apresenta também uma série de figuras históricas que se teriam destacado pela memória prodigiosa. Temístocles é citado tanto por Cícero como por Quintiliano. Uma vez mais no livro II do *Diálogo do orador*, o persona-

gem Antônio relata a anedota segundo a qual um erudito teria oferecido a Temístocles a arte da memória (2.299-300). Quando este lhe perguntou para que servia tal arte, o erudito lhe respondeu que ela servia para lembrar tudo. Temístocles teria então replicado, de maneira célebre, que preferia uma arte do esquecimento a uma arte da memória. A implicação da anedota, como explica Antônio, é que o político ateniense era dotado de uma memória tão poderosa que, uma vez algo dito ou visto por ele, ficava gravado para sempre em sua mente, não mais saindo de lá. Quintiliano, ao fim de seu tratamento da memória retórica, cita também o orador ateniense (11.2.50), dizendo que teria aprendido a fundo a língua persa em apenas um ano.

Antônio cita ainda dois filósofos helenísticos que se teriam sobressaído no uso da arte da memória: Cármadas e Metrodoro (2.360). Ambos faziam uso do sistema de imagens e lugares, comparado também aqui à cera e à escrita, para se lembrar de tudo o que quisessem. Ainda sobre Metrodoro, Quintiliano acrescenta (11.2.50) que teria inventado um sistema de 360 lugares para os doze signos do zodíaco percorridos pelo sol durante o ano.

Quintiliano enumera ainda (11.2.50) o rei Mitridates do Ponto, que, segundo a tradição, conhecia as 21 línguas dos povos que governava; Crasso Dives, que dominava 5 dialetos do grego; e Ciro, que conhecia os nomes de todos os seus soldados.

Por último, o exemplo mais importante, o orador Hortênsio, contemporâneo de Cícero e por vezes seu rival, por vezes seu colega nos tribunais. Hortênsio é mencionado por Cícero, no *Bruto*, e por Quintiliano, no mesmo passo final de seu tratamento sobre a memória retórica. Cícero afirma que jamais conheceu alguém que tivesse tamanha memória: segundo o Arpinate, Hortênsio era capaz de se lembrar *ipsis litteris*, em seus discursos, do que havia preparado de antemão (*Brut.* 301-303); além disso, também conseguia lembrar-se de tudo o que seus adversários haviam dito previamente, sem qualquer ajuda. Quintiliano (11.2.24) reporta a anedota segundo a qual Hortênsio teria lembrado, depois de um leilão, do que havia sido vendido a cada comprador, e que tal façanha fora verificada pelos registros das vendas.

As palavras de Cícero sobre Hortênsio são particularmente relevantes para nosso entendimento da realidade dos tribunais: depreende-se, de suas observações, que o caso de Hortênsio era atípico. Se levarmos isso em conta, perceberemos que não era comum que os oradores conseguissem lembrar à letra o que haviam preparado para seus discursos, algo que os textos teóricos, tomados isoladamente, poderiam nos fazer crer. A praxe de Cícero, bem documentada, não era a de escrever seus textos antes de proferi-los. Antes, o orador preparava apontamentos que seriam desenvolvidos depois, no calor do momento. A escrita, via de regra, seguia o proferimento do discurso¹⁴. Ora, tornando ao exemplo de Hortênsio, podemos ver que Hortênsio também não escrevia seus discursos antes de proferi-lo, apenas meditava sobre o que iria falar, talvez com apontamentos, talvez não. Dada a sua capacidade prodigiosa de memorização, porém, ele seria supostamente capaz de lembrar palavra por palavra aquilo que havia ensaiado em sua mente. Depreende-se das palavras de Cícero, insistimos, que isso não era comum. Podemos concluir, então, que o improviso tinha lugar importante na praxe dos tribunais — tanto é verdade, que Quintiliano dedica todo um capítulo do livro X ao assunto (10.7; cf. também 11.2.3), e não é sem motivo que muitas das observações que faz ali concernem à relação entre improviso e memória.

V.

Passo agora aos aspectos mais técnicos da mnemotécnica, embora sem pretensão de exaustividade. Em primeiro lugar, uma divisão que comparece em praticamente todas as fontes: a bipartição memória natural/memória artificial. Embora haja exceções pontuais, há quase um consenso entre os autores sobre a interdependência das duas: a memória artificial, ou seja, aquela que se treina e adentra pela arte ou técnica, com método, por si só não terá muita serventia se o orador não tiver pelo menos alguma memória natural¹⁵. Da mesma maneira, o orador bem dotado, por natureza, de memória, só terá a ganhar se aprender a dominar e expandir, pelo treino e pelo adestramento, a memória artificial.

14. Cic. *Brut.* 91: “os discursos são escritos já depois de proferidos, não para serem proferidos”; Quint. 10.7.30.

15. *Rhet. Her.* 3.28; 40; Cic. *de Orat.* 2.356; Quint. 11.2.1.

VI.

16. Cic. *de Orat.* 2.350-360, traduzido e comentado em Scatolin 2011.

O sistema apresentado na *Retórica a Herênio* consiste no uso de lugares e imagens mentais como procedimento mnemotécnico. Cícero, por meio do personagem Antônio, no *Diálogo do orador*, observa quase de passagem que tal sistema já era usado por Cármadas e Metrodoro, conforme já mencionado. As origens do sistema, porém, eram míticas ou semi-míticas: de acordo com o mesmo Antônio, no livro II do *Diálogo do orador*¹⁶, o sistema se teria originado numa circunstância específica: o poeta Simônides fora encarregado por certo Escopas de compor um epinício, ou seja, um canto em celebração de uma vitória esportiva, em sua homenagem. Simônides, porém, teria consagrado metade do canto a duas divindades, Castor e Pólux. Ofendido pelo que considerava uma diminuição de sua glória, Escopas, durante um banquete em sua casa no qual Simônides apresentara o epinício, teria então dito ao poeta que lhe pagaria apenas metade do preço combinado: se quisesse a metade restante, deveria pedi-la aos dois deuses! Nesse momento, um escravo vem informar o poeta de que duas pessoas estão à porta, perguntando por ele. O poeta sai para encontrar seus visitantes, mas não encontra ninguém. Ao mesmo tempo, o teto da sala em que acontecia o banquete vem abaixo, esmagando e soterrando os convivas. Tamanho teria sido o estrago, que os parentes não conseguiam reconhecer seus restos mortais, o que tornava impossível a realização de um funeral adequado. Teria sido então que se descobrira a base do sistema mnemônico: por se lembrar da posição de cada conviva nos leitos, Simônides pudera indicar quem se encontrava em cada um. Teria percebido, assim, que a ordem era a base da memória artificial.

O sistema dos lugares e imagens tem por base, assim, a ideia de que é a disposição ordenada o que confere solidez e firmeza à memorização e, por consequência, à memória. O sistema é relativamente simples, podendo ser aplicado tanto aos temas e assuntos que o orador abordará como às palavras que empregará para falar de tais assuntos. Tanto o autor da *Retórica a Herênio* como o personagem Antônio, no *Diálogo do orador*, e Quintiliano, na *Formação do orador*, são unânimes em afirmar que o principal, para o orador, é a memória dos temas e assuntos¹⁷. A memória das palavras é secundária

17. Quint. 11.2.25.

e, em certo sentido, até absurda, já que implica um esforço gigantesco, por parte do orador, para encontrar imagens que correspondam às palavras que usará. Assim, em vez de um trabalho, o orador terá dois: primeiro, eleger as palavras que usará; segundo, eleger as imagens para lembrar tais palavras. Já a memória dos assuntos é fundamental para o orador: é por meio dela que ele não se esquecerá dos argumentos e do momento apropriado de usar tais argumentos. O esquecimento, nesse caso, seria desastroso para o orador, podendo acarretar a perda de uma causa. Se o orador lembrar, então, os argumentos que vai utilizar e sua disposição dentro do discurso, não haverá tanto problema se não se lembrar desta ou daquela palavra ou forma que pretendia conferir a seu discurso, contanto que ela continue adequada.

De acordo com o sistema da memória artificial, então, ou mnemotécnica, o orador precisa escolher lugares e imagens mentais para auxiliar a memorização. Os lugares, que serão o pano de fundo em que se colocarão as imagens mentais, devem ser distintos, claros, nem muito grandes, nem muito pequenos, marcados a cada cinco, para que não se cometam enganos. As imagens são formas, marcas ou simulacros daquilo que se quer lembrar. Quanto aos lugares, a preceituação diz que é preferível que sejam regiões desertas e movimentadas, para que a confusão não atrapalhe a rememoração da imagem contida em cada um. Na mesma linha, os lugares têm de ser diferentes uns dos outros, para evitar que a confusão deste com aquele lugar acarrete desordem, perda da memória ou uma memória imperfeita, no momento errado. Claro está que se trata de um método que corresponde, em termos modernos, a um tipo associativo e visual ou, como se diz popularmente, “fotográfico”. A estudiosa Jocelyn Penny Small dedicou todo um livro ao assunto (*Wax Tablets of the Mind*, “Tabuinhas de cera da mente”), em que faz a fundamental ligação entre o sistema dos antigos e as descobertas da ciência moderna. Não causa surpresa que a ciência tenha corroborado o sistema de lugares, sendo atestados casos modernos de pessoas de memória prodigiosa que fazem uso justamente de tal método mnemônico¹⁸.

O exemplo dado pelo anônimo autor da *Retórica a Herênio* é, literalmente, memorável. Cito-o textualmente (3.33): “o acusador diz que um homem foi envenenado pelo réu, ar-

18. Cf. PENNY SMALL (1997, p. 93-97).

19. Tradução de Faria & Seabra 2005.

20. *Testiculi* (“testículos”) — *testes* (“testemunhas”).

21. CANCELLI (1992, p. 372, nota 31); CALBOLI (1993, p. 270, nota 48).

gumenta que o motivo do crime foi uma herança e acrescenta que houve muitas testemunhas e cúmplices. Se quisermos lembrar disso prontamente, para fazer a defesa com desenvoltura, colocaremos, no primeiro lugar, uma imagem referente ao caso inteiro: mostraremos a própria vítima, agonizante, deitada no leito. Isso se soubermos quais são suas feições; se não a conhecermos, tomaremos um outro como doente, mas não de posição inferior, para que possa vir à memória prontamente. E colocaremos o réu junto ao leito, segurando um copo com a mão direita, tábuas de cera com a esquerda e testículos de carneiro com o dedo anular. Assim conseguiremos lembrar das testemunhas, da herança e da morte por envenenamento¹⁹.” Os comentadores explicam da seguinte forma este exemplo, que está longe de ser evidente para nós, a 2000 anos de distância: a tabuinha, suporte por excelência da escrita de documentos, deve trazer a lembrança do testamento; os testículos, por associação sonora²⁰, devem fazer o orador lembrar as testemunhas; a taça, é claro, está associada ao envenenamento, e o dedo anular pode estar associado ao coração, já que Macróbio, nas *Saturnais*, afirma que há uma veia que sai do coração e vai até esse dedo — ou seja, o dedo anular seria uma maneira de lembrar o coração, que lembraria, por sua vez, também o envenenamento e a morte²¹.

VII.

Passemos, por fim, aos exemplos de memória, ou falta dela, apresentados na história dos oradores que constitui o *Bruto* de Cícero. Já fiz menção ao mais importante dos exemplos, que é o de Hortênsio e sua capacidade de lembrar palavra por palavra, em seus proferimentos, aquilo que havia preparado antes de discursar. Como já observado, podemos depreender das palavras de Cícero que isso era atípico. Podemos acrescentar agora que tal memória era um dos fatores que contribuíam para que Hortênsio se tivesse tornado o maior orador do fim da República até a entrada em cena de Cícero — ou, pelo menos, é assim que Cícero nos apresenta a questão (*Brut.* 301 ss.).

O orador Marco Antônio — o já mencionado protagonista do *Diálogo do orador*, avô do futuro triúmviro — também é um exemplo importante: primeiro, por ter sido, junto com Lúcio Licínio Crasso, uma das grandes influências na forma-

ção de Cícero; segundo, pelas implicações das observações que Cícero faz sobre sua memória. Numa rica comparação com a arte militar, Cícero (*Br.* 139) observa que tudo ocorria a Marco Antônio, todos os argumentos vinham-lhe à mente, e o orador fazia uso estratégico de todos eles: sabia dispor, como um bom general, os cavaleiros, a infantaria, os soldados de armas ligeiras, todos eles na posição mais adequada. Depois dessa comparação tão peculiar, Cícero observa que Antônio tinha *summa memoria, nulla meditationis suspicio* — “uma grande memória, [mas não causava] nenhuma suspeita de premeditação”, como podemos traduzir quase parafraseando. Embora essa observação seja importantíssima para o entendimento de nosso objeto de estudo, Cícero, para não interromper o fluxo de pensamento, não a desenvolve ou explica. Mas talvez possamos depreender de tal afirmação que uma memória muito aguçada, ou, melhor dizendo, uma memória ostensivamente aguçada, poderia ser mal vista pelo público, porque trairia a preparação prévia do orador, o que poderia ser visto com desconfiança. Mais adiante, Cícero sintetiza a oratória de Antônio, dizendo que este encontrava o que era preciso dizer, a maneira de prepará-lo e o lugar em que colocá-lo, abarcando tudo pela memória e sobressaindo-se também pelo proferimento — ou seja, uma oratória em que os cinco requisitos do orador estão presentes de maneira adequada, mesmo com a ressalva de que a forma de seus discursos não era das mais refinadas (*Brut.* 140).

Um exemplo mais simples, mas não por isso sem importância, é o testemunho de Cícero sobre a eloquência de Lúcio Torquato (*Brut.* 265), morto pouco antes, na Guerra Civil. Cícero fala de um orador letrado, culto, mas que sabia como não ostentar sua erudição; de um orador de palavras graves e elegantes, a que se somava a gravidade e a integridade na vida. Além de tudo isso, Cícero atribui a Torquato ainda uma memória divina. A memória era um dos fatores que contribuía para o enorme prestígio de que gozava o orador.

Por último, um exemplo negativo, a falta de memória de Gaio Curião (*Brut.* 217-218). Cícero deixa claro que sua falta de memória era causa de desonra e ridículo, exatamente o contrário do caso anterior. Muitas vezes, diz Cícero, embora Curião afirmasse, na proposição, que seu discurso constaria de 3 partes, acrescentava uma quarta parte ou, inversamen-

te, esquecia-se da terceira. Cícero relata também uma ocasião em que enfrentou Curião num processo privado, ocasião em que Curião se teria esquecido completamente de sua causa, atribuindo tal esquecimento a Titínia, então defendida por Cícero, que o teria envenenado e enfeitiçado! Mas, continua Cícero, mais vergonhoso ainda era o fato de que Curião se esquecia, em seus textos, do que havia acabado de escrever. O exemplo de Cícero provém de um diálogo escrito por Curião, contendo, como personagens, o próprio Curião, seu filho (também Curião) e Pansa. O diálogo acontece diante da Cúria, logo depois de uma sessão do Senado convocada pelo então cônsul Gaio Júlio César (59 a.C.). Curião passa a atacar as ações de César — ações de César, no entanto, que só aconteceriam a partir do ano seguinte, na Gália! O personagem Bruto denomina o erro de Curião “escandaloso”, e Cícero observa a sua estupidez. Em consequência, diz Cícero, se isso acontecia até em textos escritos, que dizer dos momentos de improviso, enquanto discursava? Segundo Cícero, esse foi o motivo de poucas causas terem sido confiadas a Curião — o que é um exemplo bastante eloquente da importância de se ter boa memória para o romano com pretensões políticas, já que o sucesso nos tribunais era uma das vias de acesso ao prestígio, à influência e, em última instância, ao poder, como bem mostra o exemplo do próprio Cícero. Ao orador desmemoriado estava vedado, então, tal acesso: de um lado, não podia galgar os degraus da *dignitas* e da *auctoritas*; de outro, sua atuação era fonte de riso, desprestígio e desmoralização.

VIII.

Podemos concluir, do que foi dito, que a memória era de fundamental importância para o romano da elite, tanto no aspecto intelectual como no social, desde a mais tenra idade. De fato, seu aprendizado era pautado desde o começo, com o *grammaticus*, pelo uso da memória, e esse era um patrimônio que o acompanhava até a idade adulta, quando, como leitor, autor ou orador, deveria empregá-lo constantemente, se pretendia realizar as atividades em questão de maneira adequada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALBOLI, Gualtiero. (org.). *Cornifici Rhetorica ad C. Herennium*. Bologna, Pàtron, 1993.
- CANCELLI, Filippo. (org.). *Cicerone. La retorica a Gaio Erennio*. Milano, Mondadori, 1992.
- [CÍCERO]. *Retórica a Herênio*. São Paulo, Hedra, 2005. Trad. A.P.C. Faria, A.P. C. e A. Seabra
- KENNEDY, George A.. *The Art of Rhetoric in the Roman World*. Princeton, Princeton University Press, 1972.
- KROLL, Wilhelm. Rhetorik. In: *Paulys Real-Encyclopädie der Klassischen Altertumswissenschaft*. Stuttgart, J. B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung, 1940, Supplementband VII, 1039-1138.
- HEATH, Malcolm. Codifications of rhetoric. In: GUNDERSON, E.. *The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric*. Cambridge, Cambridge University Press, 2009, pp. 59-73.
- PATILLON, Michel. (org.).. *Longin — Fragments; Art Rhétorique; Rufus — Art Rhétorique*. Paris, Les Belles Lettres, 2002.
- PENNY SMALL, Jocelyn. *Wax Tablets of the Mind*. London, Routledge, 1997.
- PERNOT, Laurent. *La rhétorique dans l'Antiquité*. Paris, Librairie Générale Française, 2000.
- SCATOLIN, Adriano. A memória. (Cícero, *Do orador* 2.351-360). In: *Letras Clássicas* 15, 2011, 97-101.
- STEEL, Catherine. Divisions of speech. In: GUNDERSON, E.. *The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric*. Cambridge, Cambridge University Press, 2009, pp.77-91.
- YATES, Frances. A. *A arte da memória*. Campinas, Editora Unicamp, 2007.